



Director literario:

Aracido de Sampaio
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Collares
PAPUSSE

GATO POR... PEIXE



Mano Juca e mana Guida pensam, vendo uma peixeira, na engenhosa maneira de pregar-lhe uma partida.



O maltês da Viscondessa, vai ser o bumbo na festa, metendo-o dentro da cesta que ela conduz à cabeça.

O maltês, com tal ideia, fica doido de alegria; tornando a cesta vazia, quando, ha pouco, estava cheia!

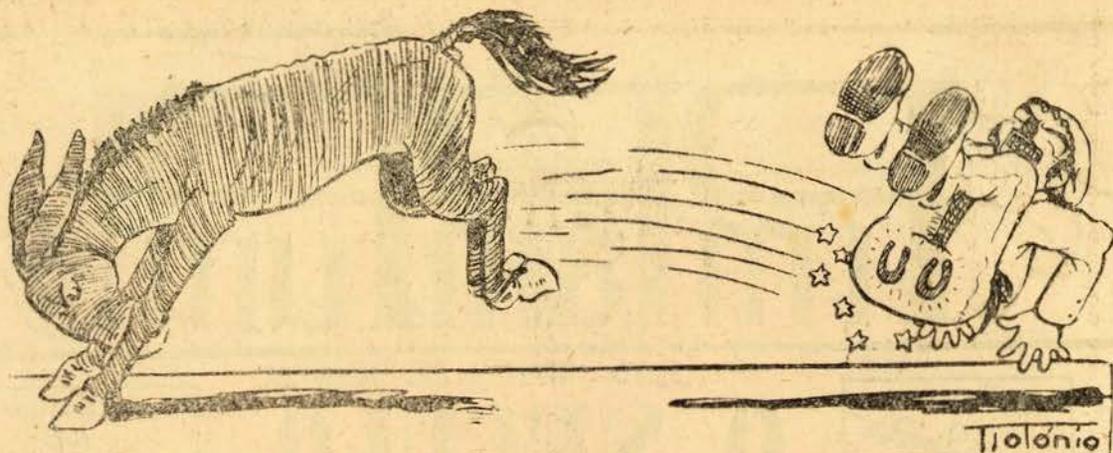


—«Merca o chorudo goraz!...»
apregoa alto a peixeira;
nisto, diz uma sopeira:
—«deixe lá ver o que traz!»



Pousando a giga com pressa, e destapando o oleado, sai de dentro, empanturrado, o maltês da Viscondessa!

E, sem ter a quem se queixe vê, num delirio de febre, que em vez de gato por lebre, trazia gato... por peixe!



A mula do Tio Zé

POR SILVIOS
Desenho de Tio Tônio



JOSE saloio, mais conhecido pelo tio Zé, tinha uma mula levada da bréca, brava como um touro.

Por mais que o tio Zé a mimoseasse com vinte ou trinta pauladas, dela não conseguia nada...

Logo ao entrar na cavaliça, era couce para a direita, couce para a esquerda...

— Temos que pôr termo a isto, vou pô-la com dono!

— Não me parece, tio Zé! Disse-lhe o seu visinho Augusto.

— Não te parece?! Pois verás! A'manhã há feira e hei-de vendê-la logo.

No dia seguinte, de madrugada, entrou na cavaliça sorrateiramente e, apanhando a mula a dormir, despejou-lhe dois decilitros de água ardente nas orelhas.

AS 10 horas abriu a cavaliça. Já a mula estava a comer. Chegou-se a ela, e, caso extraordinário, a mula não o recebeu com as salvas do costume. Muito mansa, quieta, a ponto de consentir que êle a montasse.

Assim, lá foram para a feira onde o tio Zé a oferecia a todos, conseguindo vendê-la por 500 escudos. Voltou para casa, e, triunfante, mostrava o dinheiro ao seu visinho Augusto:

— ¿Então foi ou não foi?

— Mas você agora fica sem mula para os trabalhos de lavoura!

— Comprarei outra na próxima feira.

O homem que havia comprado a mula montou nela e, muito contente, seguiu caminho de casa.

No meio da estrada, a mula passou-lhe a embriaguez e começou dando couces para a direita, couces para a esquerda, etc... O pobre cavaleiro teve que proseguir o caminho a pé, afastado cerca de 4 metros.

— Bonito serviço! Que belo negocio! Anh?!...

Decorridos mezes, o dia da outra feira chegou...

O dono da mula mandou-lhe dar 3 decilitros amansando-a imediatamente. Mandou cortar-lhe o rabo, penteá-la de novo, até que, por fim, a mula parecia outra.

Após esta operação chamou um seu compadre e disse-lhe:

— Compadre «Manel», você vai vender esta mula ao tio Zé de Cabeceiras. Vende-a por mais de 500 escudos, e tudo, quanto fôr a mais, é metade para si, ouviu?

— Sim compadre.

A' tarde apareceu o compadre «Manel» alegrissimo:

— Compadre vendia por 700 escudos!

Tio Zé, nesse dia, vestiu o seu fato dominigueiro e ei-lo a caminho da feira.

Assim que chegou começou escolhendo mulas; nenhuma lhe agradava até que vendo o «Manel» com uma, disse-lhe:

— O' «sôr Manel» por quanto vende você isso?

— 700 mil réis.

— Está liquidada.

E, feito o negocio, tio Zé radiante chega a casa.

O visinho Augusto, ao vê-lo, diz-lhe:

— O tio Zé mas essa parece ser a mesma!

— 'tá doido, homem!

... Mas, ao conduzi-la para a cavaliça, aí notou que era a mesma, pois quando terminou a embriaguez o mimoseou com quinze coucezinhos que o deixou ás portas da morte.

No delirio da febre dizia:

— E' a mesma! é tio Augusto! Já me beijou! Já! Já!

Eis como, mais uma vez, se confirma o ditado: — não façaes aos outros o que não quererias que te fizessem a ti.

PRIMEIRO CONCURSO DE DESENHO INFANTIL

*Figura da 1ª
Júri Rodrigues Almeida Junior
13 anos de idade.*



*Desenho de José Augusto Alves de Moura Cardoso
12 anos de idade*

DE MARÇANO A MILIONARIO

A VIDA DUM ROCKFELLER NOVELA INFANTIL

por Augusto de Santa Rita

Desenhos de Tio Tónio

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)



QUE voltou atrás. Havia-se esquecido de qualquer coisa importante. Tornou a entrar pela janelinha donde saltara e, penetrando de novo cautelosamente, na tenda, tirou uma folha de papel vermelho, uma caixa de fósforos, arrancou a uma vassoura o pau, saltou de novo a janela e ei-lo correndo, outra vez, dir-se-ia sem destino. Mas tinha a sua fígada.

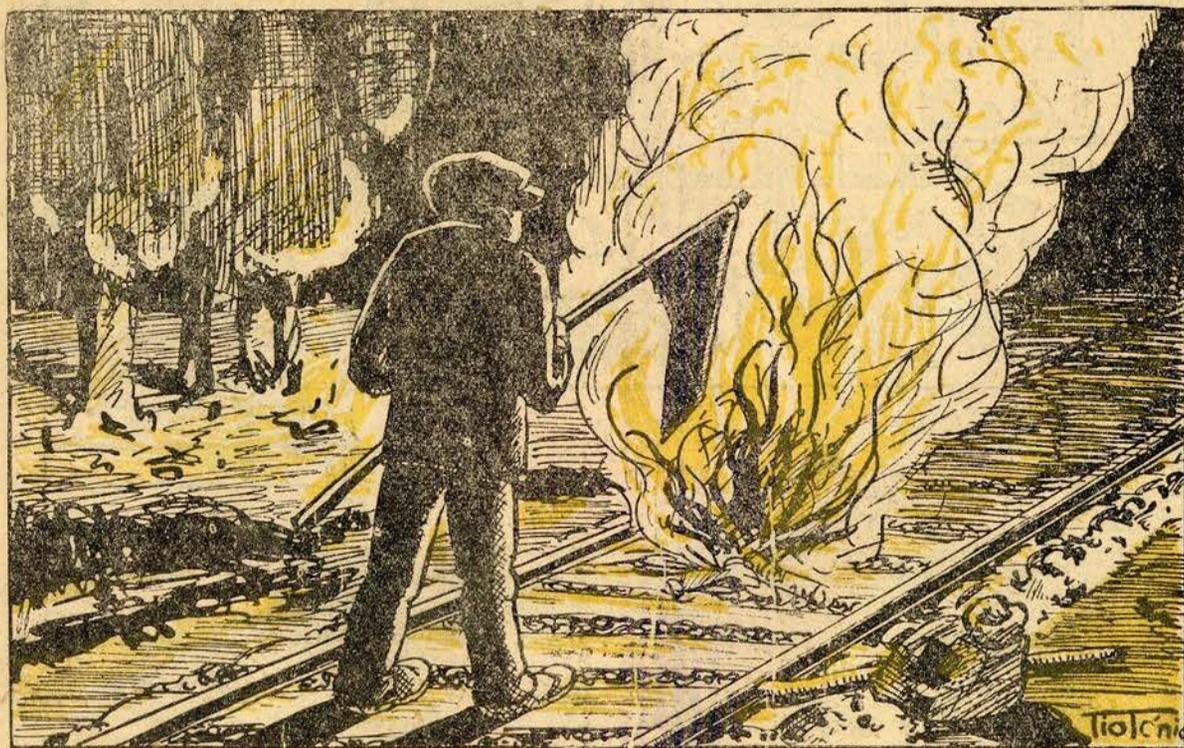
Eram já quatro horas da madrugada. A' distancia de meio quilometro da mercearia e a que Roque se encontrava agora, ainda esta se avistava ao longe, lá no alto, toda envolvida numa etérea onda de luar. A dez ou quinze metros, a via férrea cortava, coleante, o verde tapete de herva e mato, onde algumas árvores e arbustos quebravam a aridez da paisagem.

Roque, súbitamente, dirigiu-se para a linha. Alcançando-a, colocou-se entre os carris, numa atitude pensativa. Dir-se-ia que estava premeditando um suicidio. Mas não, pelo contrário; o que Roque sentia era uma ancia enorme de viver! Bateu com a mãozita espalmada na testa, correu a um choupo velho donde arrancou uma farta porção de galhos secos, arrebanhou algumas achas que deparou no caminho e, amontoando tudo entre os carris, preparou uma enorme fogueira.

De cinco em cinco minutos, ajustava o ouvido contra a calha de ferro até que à terceira vez desta pequena experiência, improvisou rapidamente, com o pau da vassoura e o papel vermelho, uma enorme bandeira que, entre um monte de pedras, içou a meio metro do local onde amontoara a lenha, lançando a esta imediatamente, um fósforo acêso.

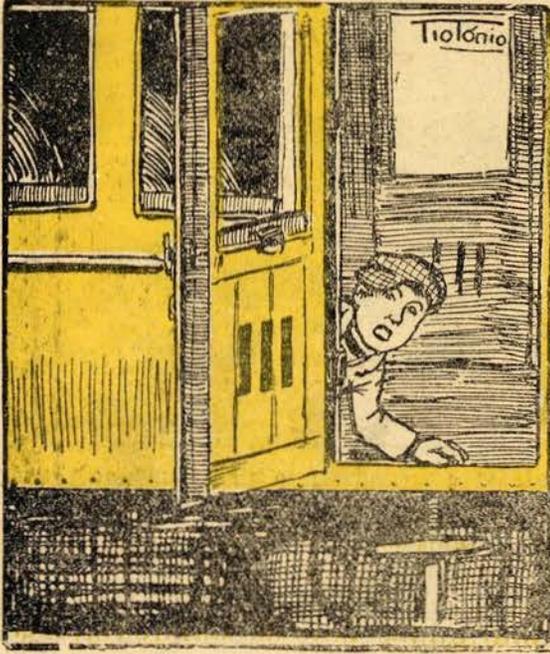
Depois, correndo uns trinta metros linha acima, escondeu-se na fechada copa duma faia cujas ramadas quasi caíam sobre a férrea via.

A' medida que aumentava o clarão ao redor da fogueira



mais expressa era a treva à distancia a que êle se encontrava agora. Luziam mais as estrêlas...

Súbito, o rápido do Porto, que vertiginosamente seguia para Lisboa, surgiu numa curva ao longe. Dir-se-ia um comboio de córda, visto assim a distancia, um pequenino brinquedo igual ao do menino rico que Roque tanto invejara ao levar o cabazinho das compras a casa do melhor freguez do patrão Malaquias. Mas, à medida que se aproximava o pequenino comboio crescia, crescia, crescia... a ponto de meter medo. Um silvo enorme rompeu o silêncio da noite e, pouco a pouco, o comboio começou a abrandar a velocidade até que, súbitamente, estacou. Debruçados sobre



as portinholas dos compartimentos dezenas de cabeças assomaram curiosas. Alguns passageiros saltaram da respectiva carruagem e comentavam, em grupos espalhados à margem da linha, o imprevisível alarme.

Roque, por entre a escuridão da via, avançou para a cauda da grande cobra de ferro e aço, e, agachando-se cautelosamente, galgou para a última carruagem de terceira classe, cuja porta se conservava aberta pela saída de todos os passageiros, justamente alarmados pela paragem súbita. Como, porém, não deparasse ali um bom esconderijo, aproveitando a confusão estabelecida, percorreu várias carruagens de segunda até que, numa sem passageiros, se escondeu debaixo dum banco, adormecendo pouco depois.

Já o comboio prosseguia a marcha, mas lenta, precavida, regulada por um maquinista intrigado, que apitava constantemente, receando um súbito desastre. Dez minutos, porém, decorridos, a locomotiva retomava a marcha vertiginosa.

Quando Roque acordou, notou que não estava só, a-pesar de não conseguir ver as caras dos seus companheiros pelo risco de ser descoberto. Percebeu que eram três pessoas pelos seis pés que o colocavam numa ameaça constante, obrigando-o a defender-se dum ponta-pé casual ou duma pisadela involuntária.

Nisto, o comboio parou; ouviu uma voz fóra, na gare duma estação, bradar altissonante: — «Campolide!» e a voz de um dos companheiros de compartimento, exclamar: — «Até que emfim! daqui a dez minutos estamos em Lisboa!»

Dez minutos decorridos, o comboio chegava, realmente, à estação do Rossio e, meio minuto depois, o compartimento estava, apenas, ocupado por Roque o qual, saindo debaixo do banco estofado, se apiou também. Mas, em vez de seguir o rumo dos passageiros munidos dos respectivos bilhetes, a fim de que não lhe exigissem também o seu, meteu para o lado oposto, em direcção ao túnel.

Uma luz inda fraca, de claridade indecisa, incidia sobre a grande cupula envidraçada da estação, contudo anunciadora de um lindo dia de sol. Cantavam galos ao longe. Um

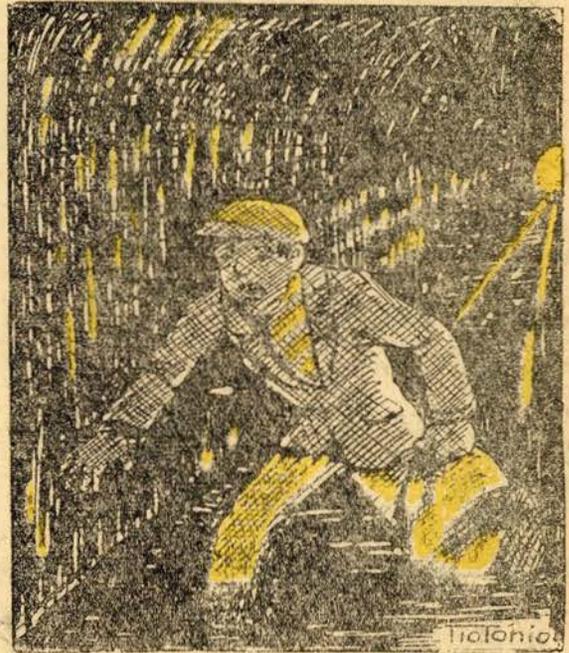
borborinho de vida, de movimento, de agitação, um tilintar de «eléctricos» e um buzinar de automoveis imprimiam ao local uma sensação imprevisível, nova, desconhecida para o espírito, alheio a toda a civilização, do pequenino Roque.

Ante a sombria bocarra, escancarada do túnel, que dir-se-ia o caminho que conduz ao Inferno, Roque ainda hesitou. Mas se não se metesse a êle, se o não atravessasse, estaria perdido. Prendê-lo-iam por ter viajado sem bilhete e, depois de prêso uns dias, mandá-lo-iam entregar novamente ao Ti Malaquias, que o mataria à pancada. Encheu-se, então, de coragem e, resolutamente, investiu contra o proprio medo, desatando a correr pelo túnel.

Envolto em completa escuridão, apenas de longe em longe cortada por uma frouxa luz de lâmpadas eléctricas, Roque sentia o coração bater-lhe desordenadamente no peito. Quanto a sua imaginação, excitada pelo temor de que a escuridão invadido, lhe desenrolava, em frente e em volta, fantasmagóricas imagens de papões e duendes que, como figuras demoníacas, se debruçavam para êle, estendendo-lhe as mãos como garras, numa ameaça constante.

Em dado momento, sentiu um barulho infernal que, pouco a pouco, aumentava e um prolongado e estridente apito como se mil serpentes silvassem ao mesmo tempo.

Cosido à parede do túnel, trémulo e pálido, supôs haver



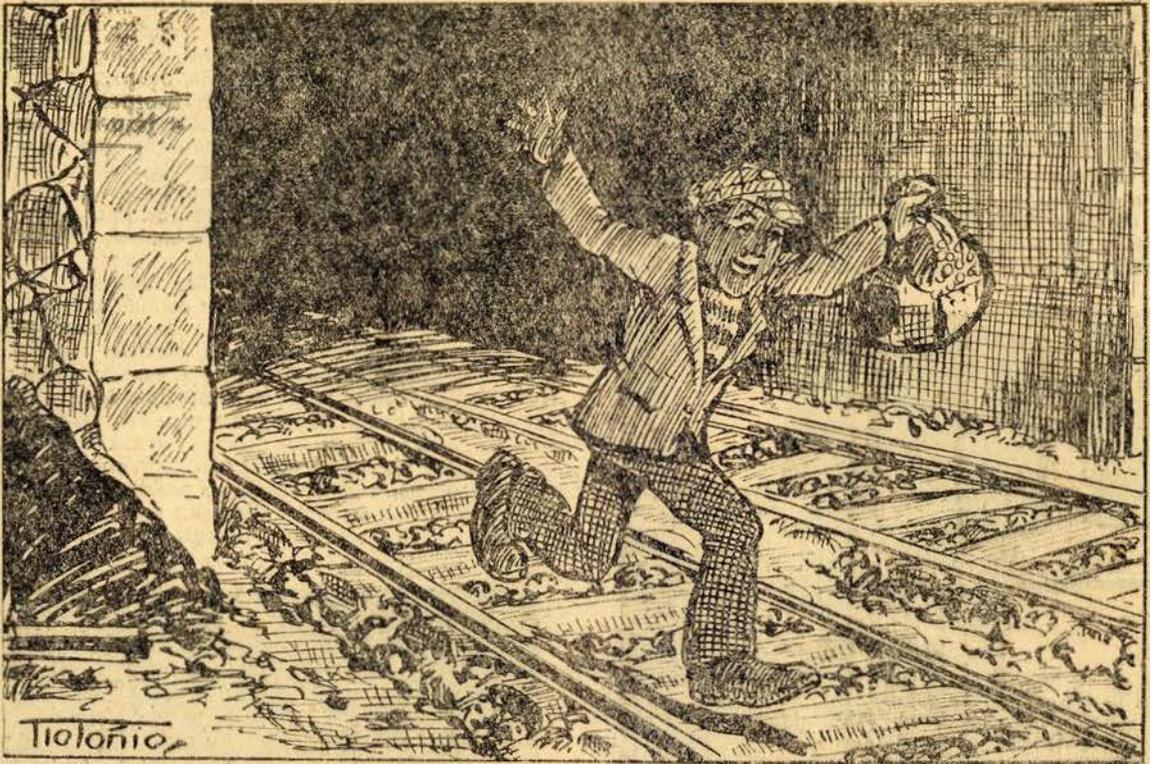
chegado a hora da sua morte. Um enorme relâmpago riscou a imensa escuridão. Era um outro comboio que chegava: um comboio repleto de passageiros munidos dos seus bilhetes, por certo, e que, por êsse facto, não teriam que passar os horribéis momentos por que êle atravessava agora. Contudo, passado o inesperado comboio, Roque reanimou-se, prosseguindo a veloz correria até que descobriu, a distancia, como um despontar de aurora, a segunda boca do túnel. Alcançando-a, finalmente, ergueu os braços ao céu, radiante, já banhado na luz dum loiro sol matutino.

Perto das oficinas de uma grande fábrica, sentou-se sobre uma pedra, extenuado, olegante e a transpirar pelo grande esforço que fizera. Um bando de andorinhas riscava o espaço, em volta, num zig-zaguear constante.

Entanto...

Na sua humilde enxérga, em casa do Malaquias, Esmeralda acordava. Deviam ser oito horas. Um raio de sol entrava pelo pequeno postigo, aureolando de novo os seus doirados cabelos.

(Continua na página seguinte)



Ao dar com o saquinho de amendoas, ficou surpreendida. Olhou para a enxerga vazia, no canto oposto, e teve o pressentimento: — Roque puzera em prática o seu plano de fuga! Então, deixou pender a cabeça sobre a fronha da enxerga e, num chorozinho convulso, aflitivo, assim se ficou durante alguns minutos. Súbito, uns passos pesados se aproximaram e o vozeirão asmático e fanhoso do Ti'Malaquias rouquejou entre portas: — «Eh, ralaços; canalha, basta de mândria, vamos...! Querem que eu varra a loja?!... E' só o que falta!...» mas, dando, entretanto, pela falta de Roque, acrescentou surpreso: — «que é feito dele?!» Timidamente a pequenina, então, com uma vozita sumida, que a comoção embargara, balbuciou receosa: — «Não sei, pa-drinho: quando acordei já aqui não estava!»

— «Que é isso que tens na mão?!» perguntou Malaquias,

tirando-lhe o pequenino saco e observando-o: — «amêndoas?!... Bem me cá estava a parecer que vocês me roubavam! Toma, para não tornares!...» e pregou-lhe uma tremenda bofetada que a fez gritar, sufocando, ao mesmo tempo, mil expressões de revolta; contudo ainda exclamou:

— «Não fui eu, não fui eu; juro que não tirei!...»

— «Ah, então, foi ele?! Eu lhe darei as amêndoas!...» e retirou-se, levando consigo o saquinho numa das algibeiras do guarda-pó de cotim.

Ao chegar ao batcão da loja, deu com os três mil reis e exclamou: — «ai que estou roubado!» porém, ao ver que a gaveta onde tinha guardado o seu dinheiro, se conservava fechada e verificando, depois de a abrir, que nada lhe fal-

(Continua na 8.^a página)

Correspondencia

Maria Carolina Semedo Guerra — Muito engraçado o conto, mas fraquinho.

Continua a estudar com vontade e verás como depois fazes contos lindos.

Manuel Batista — Menos risquinhos. O que enviaste fica absolutamente preto na gravura.

Rosa — São inúmeros os leitores que nos pedem a mesma coisa. Um jornal grande, com muitas histórias, aventuras e bonecos.

O *Pim-Pam-Pum*, que se destina às classes pobresinhas, que não podem comprar livros mais caros, parece-me, que cumpre na medida do possível o seu dever.

Leitor assíduo — Foi o «leitor assíduo» o único que conseguiu descobrir o policia, nessa minha pequena partida carnavalesca. Com respeito ao doce que reclama, como não apareceu ninguém no praso competente e eu sou guloso... comi-o.

Maria Helena Cruz — A principal condição é imaginá-lo, em seguida escrevê-lo, depois enviá-lo e por ultimo aguardar a decisão.

Cá fico à espera, de olhos arregalados...

BIBLIOGRAFIA INFANTIL

BÉU - BÉU

Por PAPIM com bonecos de TIO-TÓMO
Primeiro volume da «Colecção Bébé»

Ao limitadíssimo preço de mil reis, ou seja de um escudo cada exemplar, acaba a Livraria Clássica Editora (da Praça dos Restauradores em Lisboa), de pôr à venda o primeiro volume da *Colecção Bébé* intitulada «Béu-béu».

E' a história dum cachorrinho de raça que, seduzido pelas patraugas e gabarolices dum cão vadio, resolve trocar a vida calma e serena que levava por uma existência aventureira, após a qual, ao ver-se cheio de nódoas negras, *todo roxo*, acaba por voltar à antiga casa, *cegueta, maneta e coxo*.

Escrita numa linguagem acessível às crianças mais pequenas e interessante, simultaneamente, as mais crescidas, este livro, engraçadíssimo recomenda-se pelos subteis conceitos de moral que encerra.

O próximo volume, segundo a obra anuncia, intitular-se-há: — «*Ri-nhã-nhã*».

Desenho Infantil -

POR TIO TÓNIO!

Meus caros «sobrinhos»

Já se publicam n'este numero alguns dos primeiros trabalhos classificados.

Como veem, são obras de verdadeiros artistas!

Conforme prometiamos no numero anterior, abaixo designamos aqueles concorrentes que também apresentaram obras de reconhecido mérito:

Mario Alves, Manuel Joaquim Batista, Joaquim Duarte Carvalho Vieira, Alfredo Lopes Moreira, José Encarnação Baranha, Rogério Pereira Afonso, José Frederico, Maria Henriqueta Benard Guedes, Manuel Ribeiro Mucharreira, Jerónimo Marques Moura, Vasco Pinto e Costa e Joaquim R. Salema e muitos outros.

De uma uma maneira geral—*Todos muito bons.*

Trabalhem um pouco mais e breve ganharão o 2.º Concurso.

Não se impacientem, aqueles que já pedem o tema do concurso seguinte.

Lá iremos, lá iremos!

Se é tanto o entusiasmo, está-me parecendo que nem um comboio de mercadorias chegará para acarretar tantos desenhos.

O Tio Tónio não descança um momento, para lhes proporcionar as maiores alegrias.

Por não terem chegado a tempo todos os retratos dos premiados, só num dos proximos numeros os publicaremos.

TIO TÓNIO

COLABORAÇÃO INFANTIL



Desenho da avovoz Ventura
de 10 anos de idade do
Avelino dos Santos
Barrero.



De marçano a milionario

(Continuado da 6.^a pagina)

tava, atirou para dentro a pequena quantia, sem se preocupar com a sua proveniência. A seguir tirando da algibeira o saquinho e despejando-o, lançou as amêndoas para o boião de vidro.

Destrançou a porta da mercearia, voltou para o balcão e iniciou a tarefa de aviar as encomendas, conforme as listas, pedacinhos de papel almaço, enfiados num gancho e garantidos a lápis, na véspera, pelo pequeno marçano,—o alma danada! — que não aparecera ainda!

Minutos depois, Esmeraldinha surgiu no limiar da porta interior, em receosa atitude, mostrando a vassourinha sem cabo e inquirindo intrigada: — «Padrinho, o pau da vassoura?!...»

— «Eu é que hei-de saber?! — respondeu exasperado o Ti'Malaquias, acrescentando aos murros sobre o balcão: — se calhar, e é o mais certo, foi mais uma do Roque. Eu lhe farei dar conta d'ê, assim que chegar. E há-de ser mesmo com o páu da vassoura que lhe hei-de aplicar a sova desta vez!»

Mal sabia o desalmado merceeiro que Roque se encontrava a tantas léguas dali.

— «Varre mesmo assim» rematou furioso Malaquias, continuando a aviar as encomendas.

Passados vinte minutos. Roque estava refeito da grande estafa que apanhara. Levantou-se e, de mãos nos bolsos das calças, pôs-se a caminhar ao acaso, trauteando o seu estribilho costumado:

— O'-i-ó-ai...
eu se quiser não me ralo,
quem chora perde o seu tempo;
quem não chora há-de ganhá-lo!

Ao vêr passar o primeiro carro eléctrico, ostentando no

letreiro a palavra *Rossio* ficou boquiaberto, pois, exceptuando o combóio, nunca tinha visto um carro andar por si próprio. Vendo a grande distância, várias pessoas saltarem para o carro que então, se encontrava parado, sentiu a tentação de seguir nêle também. Mas receando não ter dinheiro suficiente, perguntou a um policia que, de mãos atrás das costas, girava perto de um lado para o outro, quanto custaria a passagem *naquela linda carroça que caminhava sem ser puxada por bestas*. O policia, rindo-se da ignorância do pequenino lapús e, principalmente, do tom em que êle fizera a pergunta, respondeu com bonhomia:

— «Isso é conforme, rapaz! Se queres ir para o Rossio tens que pagar oito tostões e meio.»

— «E onde fica o Rossio?» perguntou o Roque para dizer alguma coisa.

— «Fica ao pé da estação dos combóios.» Tornou o policia.

— «Da que tem, a moços, um corredor muito escuro?»

— «Exatamente; do túnel» insistiu o policia rindo das expressões tão pitorescas de Roque.

— «Pois é para ai mesmo que eu quero ir!» voltou o pequenito com um ar radiante.

Entretanto, o carro passava por êles, vertiginosamente, tilintando de momento a momento.

— «Pschit, pschit!...» pôs-se a chamar o pequenito alvar, com os braços erguidos.

Então o policia explicou-lhe que só poderia entrar para o carro onde encontrasse uma bandeirola que tivesse escrito: — PARAGEM. — «Espera, além, que passe outro carro» — exclamou novamente o guarda, indicando o mesmo ponto onde os outros passageiros haviam entrado para o «eléctrico».

E Roque, dirigindo-se para lá, de novo trauteou, de mãos nos bolsos:

— O'-i-ó-ai...
eu se quiser não me ralo
quem chora perde o seu tempo;
quem não chora há-de ganhá-lo!

(CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO)